

ARTHUR RIBEIRO LOPES

E FELIZ DE CARVALHO

N.º 1

AGUA LUSTRAL

ARTE E CRITICA

Summario:

Dos auctores: *Primeiras palavras.*
De Arthur Ribeiro Lopes: *O Cancioneiro das Pedras e Carta ao Dr. Teixeira de Carvalho, a proposito da sua entrevista publicada no "Diario de Coimbra"*. De Feliz de Carvalho: *O Ultimo Lusitada, Chiquismo e Litteratura da Sebenta.*

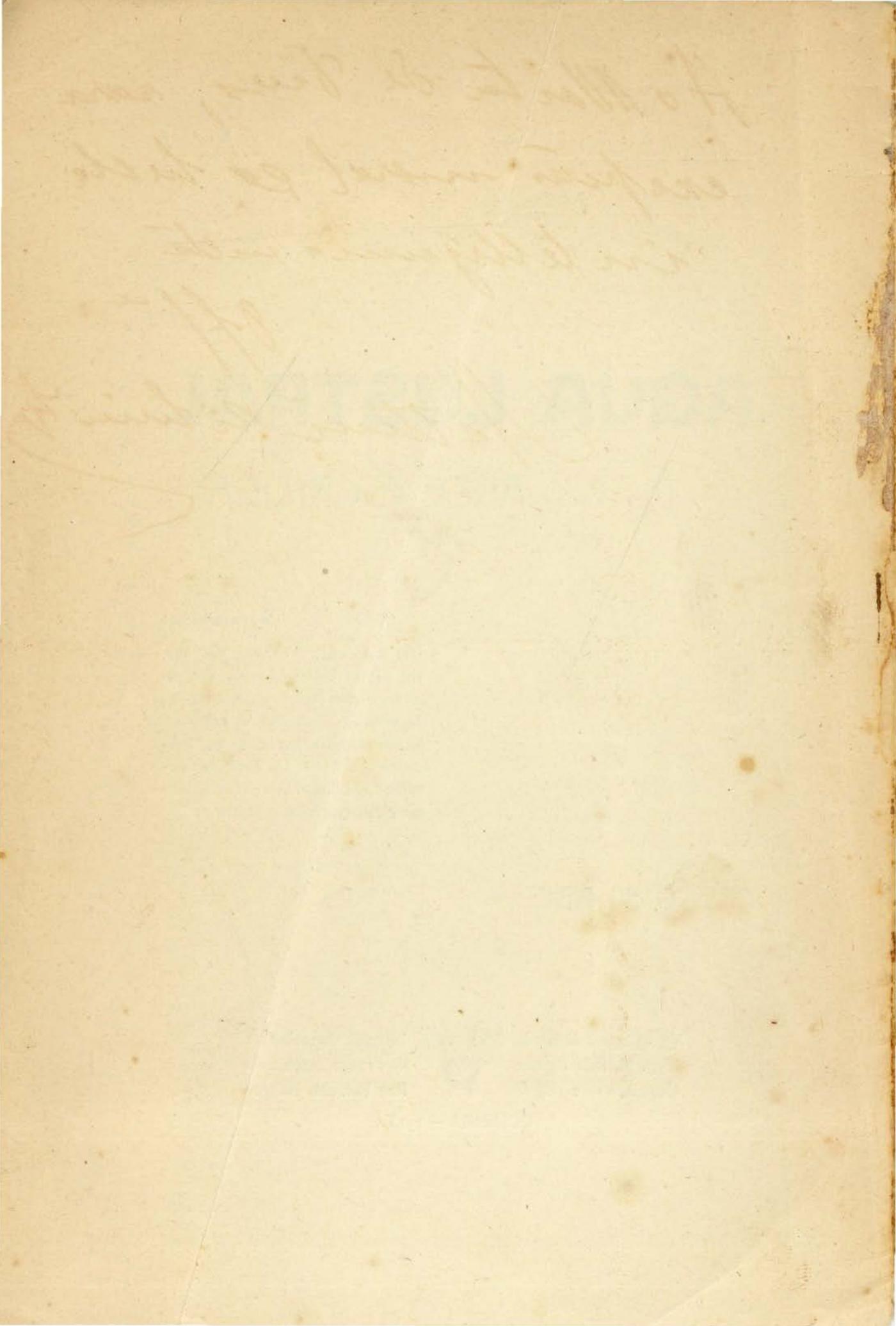
PREÇO 50 REIS

Edição da
Typ. M. Reis Gomes
Sophia, 116 e 118



Livraria depositaria:
França Amado
Rua Ferreira Borges

COIMBRA — 1913



Ao Maita de Deus, rara
 excepção moral e bella
 intelligencia ultra

Off^{ce}

Arthur Ribeiro



PRIMEIRAS PALAVRAS

O sub-titulo do nosso folheto diz perfeitamente as intenções que nos levam a publica-lo.

Procuraremos fazer arte e critica,

Não sabemos se valerá a pena; em França, o paiz culto por excellencia, Mirbeau apresenta-nos o notario, como sendo o typo por onde deve avaliar-se o estado medio da sua mentalidade; em Portugal, onde esse estado medio deve roçar quasi pelo analphabeto parece que a mais urgente necessidade seria publicar cartilhas de a b c.

Em taes condições, poderemos correr o risco de não sermos lidos.

Mas embora; se este raciocinio intimidasse a todos, calculem o que se teria perdido.

Alem d'isso estamos em Coimbra, presumida de

: DE ARTHUR
RIBEIRO LOPES:

O CANCIONEIRO DAS PEDRAS

:: DE AFFONSO DUARTE ::

Tão deshabituaados andavam meus olhos das paginas d'arte escriptas na lingua da minha patria, que este livro entrou na minha alma como uma benção de sol e ante mim desvendou os longes heroicos e religiosos onde só o mar e o sol ensinam o rithmo aos poetas do meu sangue.

Falar do poeta Affonso Duarte é falar bem de perto com o meu coração de camarada e amigo e, ao mesmo tempo, rir-me da mais desgraçada geração que, nos ultimos vinte annos, tem passædo por Coimbra.

Foi affastando essa recua de profanos a que boccas sacrilegas teem chamado de poetas e artistas — gentilha que ao culto da Arte preferiu o culto do grotesco — segrêdo de vocação lyrica d'alguns — que eu ha annos, em Coimbra, dei com Affonso Duarte vivendo num isolamento campestre e suprehendendo, liberto de sugestões e influencias, gritos selvaticos de côr e rithmos virgens.

D'essa geração de castrados què depois tomaram mulher e de cretinos que depois tomaram cathedra, Affonso Duarte, Luiz Philipe, Virgilio Correia, são dos poucos que a minha affeição intellectual ainda recorda.

Secundariamente, lembro-me de dois moços que, numa ou noutra pagina, parecem terem revelado uma apreciavel vocação literaria, Orlando Marçal hoje advogado em Foscôa e Veiga Simões, actualmente jornalista em Arganil. Era a epoca em que havia receitas segundo as quaes se faziam moços de talento. A que deu mais resultado, foi a seguida por certo beirão grosseiro e inculto, que tinha a obrigação noturna de lavar os pés a um rico-homem de letras sem gloria e sem protesto, e que é hoje, em Lisboa, um sapientissimo professor de qualquer coisa que nunca estudou.

.....
Affonso Duarte é o maior instinto poetico do momento.

A sua expressão literaria colorisa um fundo d'alma onde se reflecte a phisionomia espiritual de tudo o que o cerca. Certo, a sua sensibilidade puramente intuitiva, não sabe ainda melodisar as tintas numa conjugação esthetica de todos os pormenores visuaes, mas surprehende traços onde se condensa, por vezes, todo o estado d'alma da paisagem. Assim, nesta quadra onde ha versos duma resonancia crepuscular:

Vamos minha alma o enterro d'este sol
Vae todo perfumado d'harmonias
Canta na sombra a voz d'um rouxitol
Ha folhas a resar Ave-Marias.

A sua arte, de mim conhecida mesmo em outros

livros, que breve virão a lume, é uma afloração espontanea do seu temperamento.

E' inquieta, desartificiosa. sem regularidade rithmica, mas tambem sem composturas academicas nem simples effeitos recreativos de linguagem, antes se dá toda, ingenua e livre, aos desvairamentos dos longes e da côr.

E assim é que, para além da imprecisão plastica de muitos dos seus versos e da aparente insuficiencia do poder expressivo de muitas das suas impressões, nós sentimos sempre o veio duma organização genuinamente poetica que, perante a Luz e as coisas fixalhes de preferencia a essencia religiosa e a musica barbara.

No cancionero das Pedras, aparte meros raciocinios didacticos, ha estrophes tão flagrantes d'arte e de realidade poetica que a nossa sensibilidade acredita que são aquellas as phrases que os olhos dos poetas veem nas pedras, esculpidas.

Por ti meu ar antigo se descobre
Desde a alma primitiva e deshumana
A essa attitude grega ao gesto nobre
Do traçar d'uma tunica romana

E depois :

Pedras d'um templo oh estatuas de granito
Sois uns labios eternos onde a vida
Te condensa num cantico infinito.

Lendo alguns dos seus versos, a nossos olhos estendem-se paisagens d'uma *saudade-amor que nos encanta*,

O soneto *rustica* é uma pastoral cheia de movimento e côr.

E quando, numa immensa paz christianissima, o sol se esconde num longe de nevoa e mar e os gados chocalhando no silencio da planicie fazem acordes d'uma resonancia biblica, quando na immensa beatitude crepuscular cada um de nós compõe a alma de cada coisa e os olhos olham para alem do que se vê, quando a treva vae bebendo, aos poucos, o azul e nas aguas morrem os ultimos reflexos,

Falam zagaes e gados, vae depois
La como voz perdida por atalhos
Uma arenga na encosta: Eh! gente! Eh! Bois

E toda a sua paisagem é para elle um sanctuario immenso, onde só ha figuras esculpidas no oiro da tarde e as rasas planicies e os outeiros nus se prolongam e ilimitam nas preces uivadas da ventania.

Quem conhece os campos de Montemor — a paisagem natal da sua arte — não admira que ella dê gestões a enormes e extranhos poetas.

A terra dá-se toda á luz numa attitude d'abandono. Do portico dos poetas, de redor contemplando os infinitos longes, o espirito perde a noção do tempo na embriaguez da immensidade.

Tão desmundanisadas as sugestões da côr, que tudo em volta arrefece e mystitisa como um claustro infinito, onde as mãos se erguem, tão naturalmente como os olhos, para o ceu.

As proprias figuras que, caminhando ao largo na planicie, fazem maior o circulo do horizonte, como as coisas, como tudo, teem o ar de quem vive na saudade religiosa do que foi.

minera

O proprio reflexo das enxadas labutando ao sol, nas sementeiras, teem alguma coisa d'implorativo, a imploração dos pobres filhos da gleba de poderem dar á terra o sangue das suas veias e ao ceu imploram a cria dos seus gados, a sezão dos seus fructos que nestas terras onde, na mór parte do anno, as aguas moram á menos intensa epoca de chuvadas, o pão que se mete á bocca é divina graça que o ceu ás vezes não concede e d'ahi o pizarem a terra como um templo, como alguma coisa que é menos d'elles que dos ceus e assim, quando as aguas tudo inundam e uma enorme superficie liquida se alonga, calma, como uma transfiguração extatica da paisagem, seus olhos erguem-se a Deus, como os olhos dos mareantes ás estrelas, e desse consorcio mystico do seu braço com a terra nasce o ~~inverno~~ com as coisas a mesma vida d'abandono e d'Oração.

Campos de Montemor, onde erram memorias de conquista e as coisas compõe ainda, como numa abstracção hypnotica do presente, o scenaria d'uma vida morta: o tropear dos ginetes, elmos ao vento, o clangor dos ferros na investida e onde a luz, a certas horas, é unica, propria, local, luz para incidir nos escudos dos guerreiros e em tardes de sangue, de gloria e ruina, accender com a ameaça da sua morte a nevrose ultima das tomadas.

Lá deante, o castello de Montemor onde em certas noites, o luar deve reconstituir perfis de castellãs debruçadas das ogivas, bebendo as notas das balladas que em cada pedra das ruinas dormem ainda, como em tumulos.

Mas de toda a alma da paysagem dois desejos se insinuam, lucidos, synteticos, precisos: voar, rezar.

Simplemente ao poeta resta beber a luz que jorra

do alto com a missão augusta de recolher a alma de cada coisa e incrusta-la depois na eterna cohesão do verso.

Affonso Duarte, é dos primeiros entre essa geração que ahi se vai affirmando agora, em cujas estrophes meus olhos resam, — como elles dizem de preferente, os versiculos duma biblia nova.

Os que suppõe os poetas d'esta geração presos nas espiraes do mesmo sonho mystico, sem outras intenções nem outros motivos alem dos preciosismos d'expressão ditados por estados d'alma systematicamente adoptados, refinam de galhofa e boçalidade quando os poetas surprehendem umas mãos erguidas desenhadas no luar ou quando escutam, no silencio, a voz de cada coisa. Certo, a todos se não pode obrigar o sentirem os artistas do seu tempo.

Mas amigos, a esses já que a insuficiencia intellectiva conseguiu fazer-lhes d'admiração o seu maior insulto que o desdem mantenha sempre, incorrutivel, guarda, a intangibilidade da vossa arte.

Com Affonso Duarte, Mario Beirão, Jayme Cortezão e Augusto Casimiro são os poetas que melhor vão revelando a consciencia literaria do momento.

Mario Beirão, por exemplo, alem d'outras qualidades surge neste momento, como um creadôr plastico.

Os seus ultimos versos já não revelam apenas, o vicioso da côr e das musicas subtís, sendo ainda um raro artista que possui a magia dos accordes puros, os seus rithmos já não denunciam, o simples langôr de *virtuoze* que se esquece em ineditos de phrase.

A sua arte adquiriu um maior sentido espiritual. E, agora, é licito supó-lo na phase preliminar d'um grande e humanissimo poeta.

Do «Cancioneiro das Pedras» muito me restaria

ainda dizer, se intuito meu fosse, dar do livro um completo juizo critico.

Desde o soneto *Genio da Raça*, d'uma grandeza legendaria ao gracilimo movimento do *limance, provençal, cantaro d'Agua*; desde a reza pagã de *ao pôr do sol* ás diaphanas illuminuras que são certas estrophes, todo o seu livro é bem a obra gennina d'um admiravel Poeta.



: DE FELIZ DE
CARVALHO :

“O ULTIMO LUSIADA”

: DE MARIO BEIRÃO :

Mario Beirão é um artista-poeta.

A sua voz levanta-se de um peito ferido de fervores e anseios que fazem murmurar nas veias das suas estrophes, os endoloridos clamores e as dulcissimas queixas das rezas que o genio christão enternecidamente ergueu á gloria dos seus martyres e das suas santas.

Certas estancias do seu livro parece que foram feitas para que labios magoados e emmarchecidos de sórores as dissessem, como supplicas, marejadas da commoção que lhes faz correr no sangue as chammas da sua divina embriaguez; quando as leio, quebram nos meus sentidos em afagos de som, coloração, olor... e nelles se espraíam a repassa-los de piedade, ainda quentes da febre em que delirava a mão que as escreveu.

Este poeta, cuja sensibilidade é tangida não sei por que fatidicas emoções, tem versos, que se poderiam compor em preces, para serem oradas naquelles instantes supremos em que as almas, ainda as mais descrentes, depois de escarnecidas por todos as incle-

mencias de um destino fatal, põem a sua derradeira esperança na fé de um milagre.

Nos seus nervos vêm desferir-se, em resonancias de rythmos que perpetuamente fico a escutar, como echos de longinquas carpideiras, as ultimas despedidas melancholicas das coisas que morrem saudosamente no abandono das tardes outonaes, em que um arrepio de angustia faz apparecer ante os nossos olhos compadecidos: a luz como um reflexo de cirios em procição, alumando no ceu ensombrado o enterro dos astros amortalhados em seus feretros de nuvens, porque ha nuvens que são esquifes; os rios, nas suas emmagrecidas correntes, como fios de lagrimas que escorregam pelas faces doridas dos seus leitos de areia, brotando de olhos já cansados de chorar uma dôr que não tem fim; as arvores como os comparsas enlutados do funereo cortejo, deixando cair em orvalhadas os seus prantos de folhas, ou desgrenhadas, á beira das aguas vergando-se mudas sobre ellas, só com a sua presença acompanhando a solemne tristeza da paisagem; as aves como bonzos scismaticos assistindo tambem a este lugubre desfile, que nos faz perceber como dobres a finados o vadrulhar do vento nas arvores e visionar como cabeças descobertas e curvadas para a terra certos rochedos ajoelhados na encosta, que sóbe até lá onde enxergamos grupos de negros vultos — os ultimos a encorporarem-se na piedosa romagem.

N'este scenario de *vida a morrer*, o poeta emmu-
decendo, ouve então como um lamento a voz do dolo-
rosissimo adeus:

È a saudade embala, embala

Uma voz que se não cala,

Nas «Paisagens» é onde talvez melhor se mostra a extensão de todas as suas faculdades poeticas, capazes de *remuer* em nós cordas de emotividade, que se me afigura só elle ter o dom de fazer vibrar: não é só o concerto dos rythmos, o feiticismo das côres ou a theatralisação de attitudes das coisas; é uma tomada de todo o nosso ser, tocado em minusculos, desconhecidos centros de affectividade a que elle dá a aspersion de fluidos que nos molham até a alma, achados de sensibilidade desvendando-nos em imagens magnificentes como pompas caprichosas de dogarinas, todos os segredos de belleza que a sua divinissima intuição adivinha, errando como invisiveis phantasmas sob a apparencia immobilisada e inexpressiva das coisas, ou seja perante um burgo adormentado no captivoiro legendario dos seculos:

Burgo é noite: compõe ao espelho das Edades
O teu capuz de sombra medieva!

.....

.....

È a noite é toda um fremito de ronda:
Em plena Renascença a Tavola-Redonda!

Reza o meu sangue uma epopeia: assim,
— Poder de regressão — eu sinto dentro em mim
O espirito das eras;
A voz do que passou murmura como buzios...
Na sombra, de perfil, Coimbra dos frades Cruzios
Sustem nas osseas mãos rosarios de chimeras!

Scenarios e scenarios,
Recordações, historias...
Oh contas dos rosarios,
Pater's, pater's à orar n'um terço de memorias!

ou ante a grandeza de uma montanha. que n'um vôo de terra se eleva até aos ceus, para de lá se exclamar:

De ti eu dominei, varei os horisontes;
Estou cansado já, fui Jupiter na Terra!

ou contemplando nos sertões do Alemtejo as suas zorradas figuras de dôr, que o fogo do sol crestou como bronzes e se movem nas planicies perdidas de longes, como estatuas erradias, echoando remorsos de terem deixado abastardar uma raça que já só em cantos rememoram.

Mas onde Mario Beirão me surprehende, pela sua mais extranha e poetica revelação, é na parte do seu livro a que deu o nome de «Bronzes».

Eu nelle vejo sobretudo o Grande Elegiaco; não se pense porém nos jeremiacos threnos dos velhos poetas, que nos aborreceriam como lamurias em cega-rega.

E' o *Novo Camões da desgraça*, como elle proprio se chama, n'uma das poesias dos «Bronzes» e onde cada quadra d'essas é uma tragedia em quatro versos.

Lê-se a «Elegia das Grades» e acorda em nós um extremunhado ser, bode expiatorio de crimes que uma raça inteira impunemente commetteu durante seculos, enquanto a vingança dos homens, que só temporariamente perdoam por um requinte de perversidade, pacientemente esperava a victima sobre cuja cabeça havia de descarregar-se. Mas n'essa victima, que se despede no momento em que está para ir ao sacrificio:

Adeus, a noite vae alta!
Pela bruma, amanha cedo,
Vou de sucia com a malta.
Na leva para o degrado...

vae a expiação de todo um povo que com ella desaparece:

Aos areaes da Desgraça

Lançou-me torva maré...

Vejo toda a minha raça

Ardendo em autos-de-fé.

.....

.....

Calae a alta Epopeia,

Povo-irmão de Pedro-Sem!

Maré cheia, maré cheia,

Já se não salva ninguem!

A estes versos me quer parecer que o poeta veio buscar o titulo para o seu livro, como os mais sinceramente sentidos que o seu delirio de lyrismo creou.

Depois de os ler, a prophesia que elles annunciam opprime-nos, persegue-nos como o vaticinio inevitavel que incompletamente tenham querido exprimir os gestos convulsionados e as palavras de estor tor em que se tenha finado um moribundo, cujo ultimo olhar se fixou em nós, a que não podemos fugir e onde lemos o que a morte lhe não deixou acabar de dizer.

Ante os nossos olhos, que se desvairam aos relampagos de desgraça com que o poeta nos vae illuminando o mais sombrio epilogo da mais sombria odysseia, uma visão sinistra surge: *a leva para o degredo*; e então é evocar as scenas d'um quadro todo composto de sacerdotes do crime, que ao altar do vicio levantaram o calix por onde beberam o vinho que lhes fermentou no sangue a febre maligna que os consumiu, em que abraços de fadarios se quebram, para se cumprirem os signos de maldição sob que parece ter nascido este povo aventureiro, e afflicções choradas dizem

aos condemnados que partem, toda a tragedia d'alma em que hão debater-se por cá os condemnados que ficam.

Coveiro da propria raça, o Ultimo Lusiana, absorto na chimera do alem, narra então em versos pungentissimos, afflictivos como maus agoiros, toda a funesta historia intima dos que nos infundaveis descampados alemtejanos, a certas horas adormecidos como desertos de vida, compõem a corôa de desgraças que é a sua atormentada existencia, cuspindo em vão lagrimas de revolta, que cahem na terra como blasphemias de boccas a espalharem em turbilhões de tragicos gemidos, a sua negregada sorte de escravidão.

Nos «Bronzes» perpassa um sopro tão forte de prophesia, que nos deixa apprehensivos esperando a hora d'um cataclysmo que nos foi adivinhado.

E' esta attitude do poeta deante da raça, este vigoroso tom prophetico, que me fazem ver a feição elegiaca do seu extraordinario temperamento poetico, como a que merece ser diademada entre as demais.

Nas ultimas quatro partes do seu livro, apparece-nos Mario Beirão na sua feição mais intensamente subjectiva; ahí nos dá elle o eterno conflicto entre a parte divina e humana da Creatura, o homem-perdido nos labyrinthos do seu ser, no seu illimitado mundo espiritual — procurando attingir Deus; assim, na «Expição», como a onda do mar se fez nuvem, elle homem sonha-se Deus; mas como a nuvem sente ainda a saudade do mar onde foi Naiade, elle, em Deus, espia *miserrimas saudades* do homem e desfeito o sonho, ei-lo regressado á sua humana condição:

Meu ser, memoria inutil, recomponho

e n'elle agora humanisado *se estrellam saudades do ceu.*

N'esta phase --- *transcendentalismo pantheista*, como lhe chama Fernando Pessoa — creio, entrou elle recentemente e ahi se affirma de um modo superior, embora a sua personalidade se destaque com bem mais relevo na sua feição elegiaca e na sua maneira que, permittasse-me o adjectivo, chamarei mussulmanica, de que o poeta omittiu no livro alguns sonetos publicados na «Agua».

No *transcendentalismo pantheista*, onde abundam os poetas, alguns, não raro, são dum vago tão impreciso, que se perdem nas brumas da trapalhada; e com a ausencia de pensamento, acção e unidade que se permite aos novos poetas, quando uma forte emoção os absolve de todos os defeitos, resulta que quando essa emoção falha, me deixam a impressão de estarem possuidos d'um desvairamento lyrico, consequentemente levando-os á factura de doidices em verso, onde apenas consigo encontrar gebas phrases sem sentido, apesar de muito enfatuadas; ora isto, senhores vates, faz-me lembrar a pretenção boçalona de certas madas com preocupações prognosticas de bem-falantes.

Em Mario Beirão, embora por vezes o pensamento poetico se dilua, a imagem litteraria tem sempre relevo, vemo-la sempre levantada em forma plastica, tomando corpo e fixando constantemente a visão poetica em esculptura acabada.

No livro algumas poesias já publicadas vêm com modificações; para mim continuarão a existir nas primitivas formas, porque certas bizarras d'expressão, que o poeta substituiu, parecem-me banalisadas nas variantes, sem que a ideia litteraria tenha com isso aproveitado,

:DE FELIZ DE
CARVALHO:

CHIQUISMO E LITTERA-  TURA DA SEBENTA 

Estamos em maio e este mez com os mimos da primavera, traz tambem aos estudantes cabulas os mimos da Sebenta.

Ora vale a pena reparar nos progressos feitos por esta cavalheira, para metter num chinelo aqueles que se não cansam de berrar que a Universidade de Coimbra se pegou irremediavelmente sob a pesada carga d'uma sciencia atrazada e esteril e que são incuraveis as mataduras abertas pelo seu estrompado albardão no lombo dos creaturinhos, que debaixo d'elle choutaram uma formatura, cujo symbolo é um canudo, com as fitas a fazerem signal de paragem á carroça da mediocridade, porque mais um senhor se quer atrelar.

Noutros tempos, coitada, ella era humilde, desprenciosa: contentava-se em reproduzir *ipsis verbis* o que o mestre cacarejava lá do poleiro cathedratico.

Assim nos fala Theophilo Braga, por exemplo, da sebenta do seu tempo: «A sebenta é o amalgama informe das apostillas jesuiticas com a invenção luminosa de Senefeld; a lição lithographada passa pelas seguintes phases: o lente tartamudeia uns aponta-

mentos tradicionaes do tempo em que fôra Oppositor, tirados de livros ou praxistas latinos e sem nexo doutrinario, ladeando com um aparato de erudição occaeses torturados paragraphos de Mello Freire ou Coelho da Rocha; um estudante escreve a lapis em cima do joelho e em abreviaturas as palavras sacramentaes que sahem da bocca do lente e dizemos sacramentaes porque a intelligencia da lição depende de proferir *ipsis verbis* o que o lente disse na vespera; um copista passa immediatamente á pedra lithographica esses apontamentos assim na fórmula atrapalhada como foram colligidos, com as abreviaturas illegiveis, com as faltas de syntaxe, emfim, com os mil disparates de uma má audição e com a impericia de um artifice aguardentario que não percebe o que traslada para a pedra; por fim começa a imprimir-se a lição com linhas ora esborradas ou em claro, o todo de um mesclado sujo que fica mais sujo ainda ao passar entre empuxões para as mãos das *serventes*, que se accumulam á porta da lithographia para apresentarem a cebenta aos patrões que se assentam á banca logo ao *toque da cabra* ».

Não é assim, graças a Deus, a sebenta dos nossos dias.

Agora apresenta-se com presumpções; já nos não apparece em casa como *um mesclado sujo* nem nos repete só *as palavras sacramentaes que sahem da bocca do lente*.

Ella, a mãe espiritual de tantos homens illustres, não quiz que os seus filhos lhe chamassem rotineira rebelde ás innovações da moda e á libertação intellectual dos tempos modernos.

Por isso, toca a reclamar para si direitos de liberdade para se pôr no chic e adonisar-se por sua conta e risco.

Depois de velha fez-se gaiteira e ei-la na montra, toda bem-posta, já impressa lá em baixo no Armenio, com sua capa janota, em letras gordas o titulo grave de tratado pingue em adubos das melhores marcas para fertilisar bachareis, a sigla sapientissima prodigamente espalhando *ab uno ad omnes* — arrota pelintra! — a luz do seu facho erguido por um braço de mulher, que antes parece estar fazendo um descaradissimo manguito aos purrios que a lá puzeram e o nome do auctor em reverencia magana ao Villelinha do lado, que lhe corresponde, o brejeiro, com um sorrisinho de cá-te-espero collega, n'uma intimidade tão academica, que dá vontade de perguntar se os dois não terão já feito cabriolices juridicas, lá pela sala dos capellos.

E a manha com que ella se installa para o namoro ao publico?!

E' ver como se encavalla por cima de todos os *vient-de-paraitre* e lascarinamente lhes esconde os titulos, para que as olhadas dos que passam se vão todas render de encontro á seducção das suas graças, mesmo a dizerem á gente: adeus ó sympathico, queres vir d'ahi até ao meu côté?

Assim exposta, toda no luxo, quem é que ha-de resistir á tentação?

Eu sei de muito pequeno que entra logo, tumultuariamente abrazado pelas promessas de capello e borla que aquella marota tão astuciosamente sabe pôr nos seus acenos para que a sigam ao *Asylo da Sabedoria*, e é d'ali para a estante a figurar, em rica encadernação, a lombada como um distico de pobreza espiritual, implorando, para o idiota que a lá pôz, a bemaventurança d'um officialato de registo civil, na terra onde passa por talento e a noiva o espera, junto da familia que o admira.

Esta, a sebenta vista por fóra, vista na montra da livraria.

Mas queiram abri-la e procurar-lhe as preciosidades de estylo.

Por exemplo: ha p'ra ahi, feita por dois estudantes, uma de *Direito Politico* com o modesto sub-titulo de *Apontamentos das lições feitas aos alumnos da 7.^a cadeira da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Lobo de Avila Lima, no anno lectivo de 1911-1912.*

Pois sob este ingenuo rotulo, que ao mesmo tempo é—assim convem aos celebrantes—uma reverentissima mesura a *esta nossa angustissima Universidade* cōmo lhe chamava o saudoso Callixto e uma cerimoniosa venia á Excellencia de Avila Lima, ha tiradas retumbantes como o desfilar de batalhões, ao som mavortico das marchas de guerra e dos rataplans embriagantes que os empurram á morte ou á victoria; a paginas 53: «com a Revolução Francêsa, o ridentissimo sol da liberdade raiou triumphante no firmamento politico da Europa.»

Esta phrase illumina como um archote; e até está a deixar cahir nas trevas do nosso espirito grandes pingos de luz, como se o clarão que d'e la irradia não bastasse a consumir-lhe todo o breu com que foi besuntada; appetece mesmo correr a ella com um apagador, não vá o pavio, que é como quem diz o talento do auctor, dentro em pouco crear morrão.

Depois de ler, quem se atreverá a acreditar que o astro da liberdade tenha raiado n'outro momento que não seja o da Revolução Francêsa ou n'outra abobada que não seja a abobada politica da Europa?

Se houver ahi dementado capaz de duvidar, que estes Nostradamus da liberdade acudam por misericordia

com o seu oculo astrologico a collocar-lh'o na orbita ignara, e caritativamente lh'o apontem com suas mãos tão habituadas a manejarem o mysterioso canudo, lá para o ponto do espaço em que se divisa *o ridentissimo sol*, que certamente ainda hoje não teríamos a felicidade de conhecer, se estes benemeritos senhores não tivessem feito o favor de nol-o indicar.

Na mesma pagina define-se depois liberdade: «A liberdade é, pois, desde os primordios da historia politica, o alvo a que apontam todos os desejos, o motor que impressiona todas as energias, o fulcro da actividade dos povos em todos os tempos».

E' uma notabilissima definição, não só pela bizarria literaria das suas imagens, mas tambem pela profundissima verdade que encerra, e o Callixto que, quando chegava a este ponto, costumava dizer: «Sobre liberdade nunca ninguem disse tanto nem tão bem como Ahrens em seis paginas; consultem-no», diria agora se vivesse: «Sobre liberdade, meus senhores, escreveu-se tudo que poderia escrever-se em seis linhas; decorem».

Sim, Callixto havia de gostar e Callixto teria razão; havia de gostar porque elle, representativo legitimo, symbolo vivo da *nossa augustissima Universidade*, por cuja degeneração tanto receou nos ultimos annos da sua vida, jubilosamente presentiria a certeza de ver-se continuado n'aquelles tropos, que batem ás portas dos nossos ouvidos como se na verdade o proprio Callixto furiosamente os estivesse soprando d'alem do Pio, por uma tuba, temendo não ter cá deixado quem corajosamente defenda a Universidade como elle a intendia; de tal sorte, me quer a mim parecer que aquelles jovens são nem mais nem menos do que a tuba do defuncto Callixto. A tuba do Callixto a apregoar ás

gentes, que, por mais encontrões que lhe dêem, a Universidade ha-de falar sempre no mesmo tom, ha-de ter sempre a mesma voz: o mais que conseguirão é desafinar-lh'a.

E a proposito, não lhes parece que estes estão um pouco baixos? Olá, amigos, fazem favor de soprar com mais força! se não podem, talvez seja prudente passarem a outros o boccal! porque a quererem conservar o tom em que verborrheava o mestre, hão-de puxar-lhe mais um bocadinho.

Mas Callixto teria tambem razão; porque, aqui á puridade, o que é a liberdade senão *alvo, motor, fulcro*? Vá, não façam caretas, digam francamente que gostam! Eu por mim confesso que sim senhor, que gosto muito, que mesmo *desde os primordios da historia politica* outra coisa não tem sido a liberdade senão o que estes moços affirmam. Ha só uma coisa: se a liberdade é alvo, estes senhores não têm lá pontaria muito certa.

Mas se lhes está a saber bem, não façam cerimoniaes, queiram abrir na pagina sessenta, ao fundo, o ultimo periodo, é ainda sobre liberdade: «Mas a liberdade tem seus perigos. Se é um sol que vivifica tambem póde ser um fogo que abraze, se é uma chuva que refrigera tambem pode ser uma tempestade que assole, sendo, por isso, necessario pôr-lhe limites, alem dos quaes a esperam a anarquia e o despotismo.»

Que tal, hein?! Superfino, não acham?!

Outra tirada onde o talento do auctor escorre para nós em contas de labareda, crepitante como um incendio; seria uma obra de caridade apontar-lhe uma mangueira e esguichar, para que a chamma não vá lambar n'um repente aquelle cerebrosinho esquentado, que a a ateiar-se com esta facilidade, talvez fosse conveniente alojar lá dentro uma corporação de bombeiros.

Mas reparem ainda nos roncos oratorios da peça e digam se isto se pode ler sem a gente se figurar o auctor a botar-se a baixo d'uma tribuna, congestionado, aos berros, atabalhoadamente escarranchado ás cavalleiras destas imagens, que entram como um furacão por todas as frinchas do nosso ser para d'elle varrerem toda a peste de outras convicções, e installarem despoticamente, depois de tão violentamente espanejadas todas as teias d'aranha, as que ellas trazem quentinhas e boas, expulsando de nós a ignorancia ou porventura peccados de pensamento e deixando-nos o espirito atochadinho de ideias sobre a tal liberdade.

Está-se a ver o homemsinho esbaforido, a esperdigotar á cara dos ouvintes este cyclone de imagens e os ouvintes espavoridos gritando afflictos: basta! basta!

Sobretudo convincente, este periodo; lê-se e fica-se a congeminar nos perigos da liberdade e na necessidade de lhe pôr os taes tabiques que o auctor aconselha; é que na verdade essa tirada é uma tempestade de asneiras; e se não houvesse a liberdade de as escrever?

A sebenta de que colhi estas bellezas de estylo é feita por dois estudantes.

Mas a estylomania tambem ataca os mestres; não admira, alguns são falhanços de escriptores...

Vamos, por exemplo, á *Historia de Direito Português*, do mesmo anno, do senhor Caeiro da Matta, e as arrancadás ao estylo figurado não são menos frequentes; com uma differença: é que neste a litteratura pittoresca é geralmente transcripta e portanto o caso mais jocoso.

A definição de lei que a paginas quarenta e uma se encontra, é tudo quanto ha de mais inconveniente para um jurisconsulto: «A lei... sendo o acto pelo qual o direito... despe as vestes da innocencia...»

Catita, não é verdade?

Aqui está uma definição com que a gente pode fazer córar uma donzella; digam lá que o Direito n'esta Universidade póde ser estudado por mulheres... uma Universidade onde se diz que a lei é um acto em pelótas! Irra que despejo de torpezas! Que desafôro!

A paginas 8, da mesma, discute-se: «um problema que representa o cabo Horn da philosophia do Direito» e por signal até parece que o senhor Caeiro, para dobrar este cabo, se metteu n'um barco á vela, topa aqui, topa acolá, em todos os escolhos da erudição: Miraglia, Kant, Spencer, Groppali...

Mas das mais patuscas innovações da sebenta são os francesismos; n'um impudentissimo desrespeito pelo idioma do Lacio, ha ahi uma sebenta de *Direito Commercial* onde *il n'y a point d'embaras du choix* entre o latim e o francez e em casos *tout à fait semblables* remodela *de fond em comble* o velho costume de citar o latim, que

Honteux et confus
Jura, mais un peu tard
Qui on ne l'y prendrait plus...

Isto assim, mal amanhado, com um desproposito tal que decididamente: este senhor é um collega da D. Leonor, alli da rua de S. Pedro; o seu cerebro faz-me lembrar uma casa de prego, onde estudantes moinas tenham ido empenhar, em noites de patuscada com croias, os seus estafados conhecimentos de franciú e d'ahi a sebenta sahir depois cá para fóra como as filhas dos penhoristas, com as joias que por lá ficam.

Estes, os sebenteiros aliteratados, porque ainda temos os que se atiram a fazer sciencia; se valer a pena falaremos,

: DE ARTHUR
RIBEIRO LOPES:

CARTA P.O DR. TEIXEIRA
DE CARVALHO A PRO-
POSITO DA SUA ENTRE-
VISTA PUBLICADA NO
"DIARIO DE COIMBRA"

MEU CARO DOUTOR

Acabo de ler a sua entrevista no *Diario de Coim-
bra* e detenho-me reflexivamente ante algumas affir-
mações de V. Ex.^a que não perfilho e das quaes até,
me advem a necessidade de, publicamente, as refutar.

Nessa palestra que decerto o jornalista, num des-
cuido d'empregado mal pago, descoloriu, eu pude
ainda admirar o seu nobre espirito irreverente, a sua
critica lucida, a sua verve sempre moça e intellectual
que, como um friso uma fachada nobre, percorre toda
a sua forte educação.

Mas é lamentavel, meu caro doutor, que V. Ex.^a
nessa entrevista tivesse deixado falhar um pouco a
sua personalidade; quero dizer: riu pouco. E' que V.
Ex.^a pertence ao numero d'aquellas organizações que
no riso estylisam todo o seu culto e todo o seu orgu-
lho e quando abdicam d'essa sua superior formula
expressiva, como que mutilam a percepção integral das
suas faculdades e assim, correm o risco de suporem
muitas vezes a verdade onde ella não existe.

Esse seu riso que Braz Burity já definiu numa
pagina curiosa, que é sempre menos uma critica ao

que é, do que um cantico ao que devia ser, esse seu riso sacrificou-o V. Ex.^a a um assumpto que, só rindo pode ficar de todo esclarecido.

Esse assumpto é a geração coimbrã a que V. Ex.^a se refere.

Na sua entrevista V. Ex.^a deixa suppor que novos motivos intellectuaes fizeram acordar a Academia para uma vida nova e que a alma escolar está mesmo, neste momento, compondo uma pagina de sensibilidade culta. Tamanha é a admiração com que V. Ex.^a fala dos estudantes, da sua arte, julgando-a já um objecto .. *digno d'estudo.*

A Arte! E a arte dos estudantes... eis-me chegado ao ponto de, sentidamente, discordar de V. Ex.^a Eu julgo, meu caro doutor, que se alguma ha digna d'estudo é a anesthesia, que parece ser unica na historia das gerações coimbrãs, do sentimento artistico, a phobia desesperante, fera, animalmente regressiva a tudo que é cultura, a tudo que é Arte e que, para a maioria, é já um voluptuoso desejo de vingar a sua inferioridade. Eu poderia referir-me não a um, mas a centenas de factos que auctorisariam esta minha opinião.

Este phenomeno que ora se observa, é talvez um reflexo, a que eu chamarei negativo, da responsabilidade culta contemporanea.

A complexidade da vida moderna, a variabilidade da sua orientação mental e artistica, não deixa ao homem d'hóje admirar por muito tempo as mesmas linhas, as mesmas atitudes, as mesmas côres, as mesmas phrases, as mesmas formulas.

A gasta e nevrosada civilisação parece crear-se todos os dias a necessidade de sensações novas expressas por vezes nas mais bizarras anthiteses de for-

mas e de *systhemas*. Assim na Arte, ao lado da correção parnasiana das linhas mortas, admira-se a interioridade tragica dos bustos de Rodin, ao lado das fôrmas quentes de nu classico, admiram-se os histerismos lividos das mascaras de *faubourg*, as frivolidades mundanas do lapis de Guillaume.

Ao homem d'oje já não basta os marmores, nem as tragedias uivadas ao destino; não exigindo já muitas mortes na tragedia, exige mais tragedia na vida...

De sorte que, sem formulas preferidas e sem um ideal colectivo de Belleza, a vida artistica, no presente momento, não deixa estabelecer as grandes correntes d'escola ou de prestigio individual.

Ora em Coimbra parece que nunca houve para agitar os espiritos como um prestigio ou uma escola. Como já não ha hoje um Victor Hugo prestigioso, já se não sabem versos de cór, como já se não usa adoecer d'amor, nem dar ao alcool uma intellectual missão, os estudantes já não leem Musset. Que fazem! Engrolam a sebenta e os de maior curiosidade intellectual, leem os jornaes. Ao movimento da Arte contemporanea corresponde em Coimbra uma especie d'atonía sentimental que faz do estudante um typo curioso d'insensibilidade esthetica. Veja V. Ex.^a: o espirito academico alimenta hoje um odio que, irremediavelmente, o stygmatisa. Não é o odio ao lente, não é o odio ao futrica, é o odio ao intellectual. Ser intellectual é para a Academia pertencer a uma seita que conspira contra a soberania da sua estupidez. A's vezes o intellectual é um pobre diabo sem capacidade responsavel. Mas a academia suppõe-na intellectual e como não está disposta a discernir, isso basta-lhe. E como é esta gente que amanhã ha-de constituir as nossas classes dirigentes, veja V. Ex.^a como ser intellectual ha de

vir a constituir o grande perigo moral da nossa vida publica. Que conhecem elles de Coimbra, da sua arte, da sua paysagem? Coimbra não é para elles o centro artistico educador, e por esta terra passam elles sem o mais leve instante d'emoção. Quer V. Ex.^a ouvir?

Ha dias, em palestra, referia-se um estudante á torre d'Anta. Convidado a corrigir, pasmou. Anta e não Anto em que sempre tinha ouvido dizer.

Repare V. Ex.^a no terrivel symptoma que é esta simples troca de vogaes

No anno de graça de 1913 ainda ha estudantes que não sabem que viveu em Coimbra um poeta chamado Antonio Nobre e que nesta terra existe um lugar santo d'onde os olhos do maior poeta portuguez recolheram a alma d'esta paysagem—noiva voluptuosa e mystica d'aquelle genio de perdição.

Ora veja o meu caro doutor, como desconhece a Arte do seu paiz estes estudantes de cuja arte V. Ex.^a tão favoravelmente falou.

Sendo assim, em que se revela para elles a sua Patria? Se a não conhecem pelo que ella tem d'imortal — o seu genio, como a podem elles amar?

Aquella simples troca de vogaes considerada sob um ponto de vista educativo é, pelo menos, tão grave como a apologia da intervenção estrangeira.

Mas V. Ex.^a fez referencias concretas, eu sei: *A Rajada*, revista literaria onde estudantes deixaram paginas d'arte.

Ora se V. Ex.^a em vez de ser amavel quizesse ser justo, veria que d'*A Rajada* não ficou uma unica pagina d'Arte.

A'parte as paginas raciocinadas de Joaquim Manso, alguém houve, realmente que nessa revista deixou,

colorida de poentinos tons, uma pagina da sua vida nervosa. Chama-se Carlos Parreira...

Agora mesmo venho de ler as paginas a cujos autores V. Ex.^a se referiu.

Ha um nome, ha uma bella promessa e nada mais.

Pudesse eu agora confessar a V. Ex.^a a miseria mental e a negação litteraria que eu via presidir ao arranjo de certas bacouquices de profano impudente.

Lá vem um d'elles na *Rajada*. O auctor devolve-me agora a piedade na mesma moeda com que certo auctor dramatico devolveu ao Fialho os seus elogios criticos — em pés de burro.

E' divertido. Elle, cujas mandibulas tem sempre um esgare agradecido para cada escarro, não me perdôa, o maldito, que eu nem sempre tenha uma bota disponivel para a abandonar á ociosidade da sua lingua. Pobres creaturas estas, condemnadas a apanhar aos outros as ideias e phrases como os pobres diabos da rua apanham as pontas de cigarro não se lembram que só ao silencio dos melhores, feito de pudor e orgulho, podem attribuir o seu momento de celebridade.

V. Ex.^a devia ter conhecido esta especie que, louvado Deus, é de todos os tempos. Mas a Arte...

Ah! Existe na academia um artista, Correia Dias. E' um simples caso de vocação artistica individual, eu sei, que em nada comprova a opinião de V. Ex.^a e a quem mesmo V. Ex.^a não fez a mais pequena referencia. De resto mesmo que se queira integrar na Academia o nome de Correia Dias como artista, V. Ex.^a sabe muito bem que a sua Arte não chega para uma geração.

Como caricaturista ainda é assazmente incompleto, talvez menos por temperamento que por educação, para ser incondicionalmente admirado,

A's suas figuras falta-lhes o vigor intencional, o traço revelador do ridiculo observado, fazendo das restantes linhas da figura como que o auxiliar interpretativo da intenção satyrica. O seu lapis, como caricaturista, é mais um caprichoso do grotesco que consegue como não podia deixar de ser, fixar a fidelidade d'expressão atravez de todas as deformações anatomicas.

Tem, é claro, certos caprichos de retina que estylisa com verdadeira elegancia, alem d'uma certa originalidade na encenação da figura onde ha sempre mais a brevidade, a precisão do desenho do que o flagrante espiritual que o verdadeiro artista surprehe sempre para alem do traço puramente geometrico.

A paisagem de Coimbra tem-lhe sido indifferente.

Não tem um unico trabalho onde a luz, insinuante de sentimento, faça de cada linha uma phrase evocativa como é de exigir n'um verdadeiro artista cuja retina se educou na côr melodiosa d'esta paisagem.

Entanto a sua obra, d'entre os rapazes do seu tempo, é das mais estimaveis vocações artisticas.

Onde está, pois, a Arte dos estudantes?...

Ai os estudantes, meu caro doutor.

Sabe? esteve hoje um poente que foi o assombro, um desses poentes que em Coimbra resgastam bem a ausencia da arte dos estudantes.

Sobre o rio, escorriam tintas violetas, as nuvens compunham um scenario de tragedia. A cidade entediava nas macerações da luz. Fui ver o poente para o choupal, felizmente, nenhum, estudante. Apenas dois pobres invalidos que aquella luz sortilega e aquella logar solitario apresentaram á minha imaginação, como maniacos d'uma cidade morta vindos de revolvêr tu-

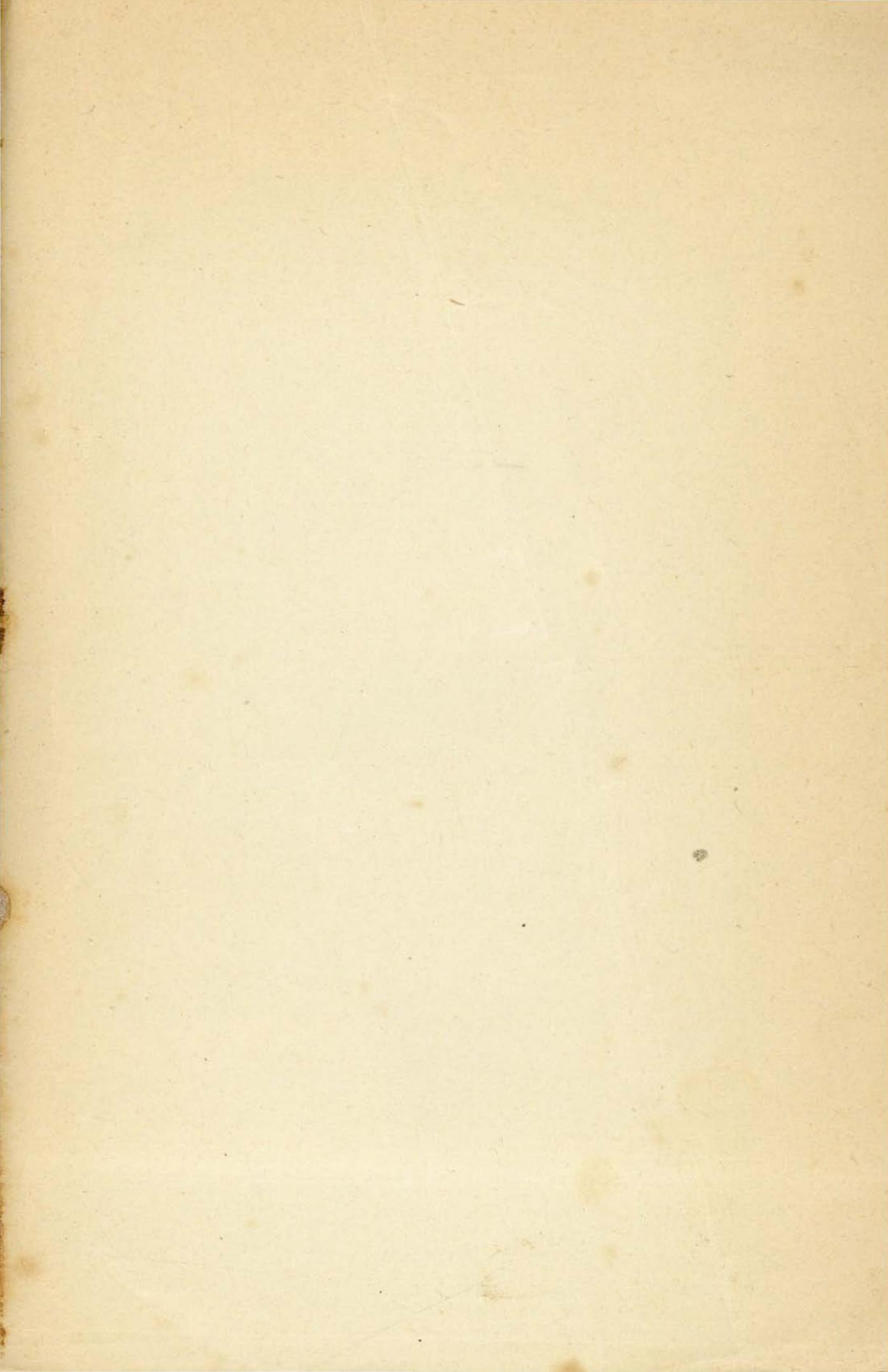
mulos e tumulos para que no seu sangue o pó dos se-
culos se insinuase ahi depois falasse, como memorias...

E seria bem melhor que assim fosse.

De V. Ex.^a
Att.^o Ven.^{or} Obg.^o

ARTHUR RIBEIRO LOPES.







80225987